

Sobre os *rankings*

Há *rankings* para todos os gostos em função da amostra, tendo em conta o nº. de disciplinas, o nº de exames, o ser público ou privado, enfim...

Por exemplo no *Diário de Notícias* num *ranking* de 600 escolas, afirma-se que 1/3 destas (200) têm em média, negativa. Não me parece ser um bom serviço que se presta à educação, julgar escolas apenas por médias de exame, que representam apenas 30% da avaliação global do aluno e que no caso da escolaridade obrigatória, incidem apenas sobre o Português e a Matemática.

Por outro lado, para que se avalie este tipo de análises, a E.S. Jaime Moniz, de acordo com o DN, está na posição 201º em 600, no Jornal de Notícias em 173º e, no SIC/online-Expresso em 177º. No entanto, não se releva que, só desta escola, entraram 42 alunos em medicina!

Não seria mais justo avaliar-se quantos alunos concluem o 9º ano, quantos o 12º e quantos entram na Universidade?

É justo comparar escolas privadas (que seleccionam alunos) com escolas públicas (abertas a todos), escolas grandes com escolas pequenas, realidades socioeconómicas diferentes?

Mas já que se quer comparar é bom que se note que a nível das provas aferidas do 1º ciclo os nossos resultados já são um pouco melhores que a média Nacional (94,4% de positivas na Língua Portuguesa e 91,1% de positivas em Matemática), que no 6º ano, na Língua Portuguesa tivemos uma média regional de 87% e, na Matemática, 70,3%, que no 9º ano tivemos 63,1% na Língua Portuguesa e 43,4% na Matemática. De resto, esta última foi a única média negativa até o 9º ano.

No secundário a média da Madeira foi de 9,93, quando a média Nacional foi de 10,70. Mas é bom não esquecer que 40% das escolas do País tiveram média negativa nos exames do secundário, cito **apenas como referência** alguns resultados: Açores 9,73, Portalegre, 9,59, Bragança 9,89, Évora 10,2, Guarda 10,10, Beja 10,20, Setúbal 10,16, ou seja com diferenças que não chegam às 3 décimas.

Questiono se, hoje, a escola não deverá ser muito mais do saber ler, escrever, contar... Ninguém duvida que a escola é muito mais do que isso. Quando se investe nas artes, na dança, na música, no teatro, nos hábitos de vida saudável, no desporto, na educação rodoviária, na educação para a sexualidade e para os afectos, no respeito pela diferença, na integração, na multiculturalidade, nas TIC's, na higiene, no ambiente, na alimentação, nos hábitos culturais, na criação de públicos, na preservação dos património material e imaterial, nos hábitos de escrita criativa e de leitura, na qualificação profissional, nas bibliotecas, etc., etc., é de esperar que a geração que esta escola ajudou as famílias a preparar, será certamente muito melhor que a geração dos seus pais e avós.

Seguindo a filosofia destes *rankings* (elaborados pela comunicação social, note-se) que considero enviesada, se cada uma das escolas da Madeira melhorar simplesmente 5 décimos, damos um salto significativo na média nacional.

Para além da análise regular que sempre se faz nestes casos, de que há muito mais a avaliar que não apenas a interiorização de conteúdos que é o que aqui se avalia, a realidade é que a análise dos dados disponibilizados pelo Ministério nos indica que a RAM apresenta resultados de 11.216 exames contra, por exemplo, apenas 7.822 nos Açores. Se a população é idêntica isto só revela que na Madeira muito mais alunos ingressam no Secundário.

Por outro lado, são mais de 25% de alunos com 19 ou mais anos de idade na Madeira contra percentagens entre 11% e 19% nos Distritos Continentais e nos Açores. Estas duas situações revelam que a Madeira leva mais alunos a exame e entre eles, uma percentagem muito alta de jovens adultos.

Obviamente que a qualidade média fica penalizada pela quantidade conseguida. O que nos diz que mobilizamos, hoje, muito mais jovens para a escolarização, o que poderá fazer com que as média sejam penalizadas.

Se considerarmos apenas o grupo de alunos até aos 18 anos (16,17 e 18), para todos os distritos e regiões (são cerca de 85% do total de alunos a exame), a Madeira situa-se a meio da tabela (11º lugar em 21) e ligeiramente acima da média nacional (100,14%), considerando todas as Escolas e exames feitos por alunos com 16, 17 e 18 anos e excluindo os mais velhos.

A média nacional não nos satisfaz, mas elimina totalmente a mensagem derrotista que vai sendo passada por alguns.

Este mesmo indicador (considerando apenas os alunos até aos 18 anos) traz-nos da 19ª posição em 2006, para a 15ª em 2007, 12ª em 2008 e 13ª em 2009. Não é ainda a posição desejável, mas indica-nos que vamos na boa direcção.

Esta análise (como qualquer outra) é lícita pois abrange todos os alunos com zero, 1 e 2 insucessos ao longo da carreira educativa dos alunos e exclui outros (alunos), mais velhos que, noutras zonas do País não optam por fazerem estes exames e concluem o 12º ano por outras vias.

Em 2009 nasceram 2.380 crianças na Madeira. Em 2010 entraram 1.500 alunos no Ensino Superior.

Neste momento, mais de 80% dos jovens que completam ensino básico, iniciam a frequência no Ensino Secundário.

Em educação precisamos de ter muita perseverança para ir identificando as fragilidades no sentido de as corrigir. Preferia que em vez de rankings que comparam o incomparável se comparassem resultados de, por exemplo, quantos alunos concluem o 9º ano quantos concluem o 12º ano e quantos entram na Universidade.

Na Região Autónoma da Madeira, este ano, entraram no ensino superior 1.500 alunos, 80 dos quais em Medicina.

A ideia que vimos lançando às Escolas é de que se comparem consigo próprias e a situação, como atrás referimos, é de evolução positiva. A mensagem é de que devem procurar caminhos que levem a uma melhoria contínua, muito embora, mesmo assim, haja que ter em atenção que os alunos não são os mesmos, os professores mudam, etc.

Há escolas novas, equipamentos, refeições, aulas de inglês no 1º ciclo (uma parte destes alunos que foram a exame e tiveram estes resultados aprenderam já nestas condições), mas as médias, os resultados continuam aquém. O que é que se passa? É uma questão de mentalidade, de falta de ambição? Ou serão precisos mais 30 anos para dar a volta a tudo isto?

Há tudo isso e o resultado está à vista. Conquistámos os alunos para a escola e para a escolarização. Ao integrar alunos (os mais “difíceis” e menos preparados) vindos de extractos sociais menos estruturados, tem-se como resultado óbvio uma perda de qualidade média. Porque entram, de novo e pela primeira vez, os menos preparados. É facilmente perceptível este facto. Ultrapassada a conquista de todos para o sistema (processo felizmente na fase final) podemos avançar para a qualidade e isso vai acontecer.

Não pode avaliar a justeza da introdução de refeições através dos resultados dos exames do 12º ano. É brutalmente redutor. Nem esperar que sejam as medidas de alcance social, e não forçosamente educativas, que diferenciam o modelo ETI do modelo antigo e venham a ser negativamente avaliadas pelos resultados educativos obtidos.

As ETIs na Madeira (quase totalmente) generalizaram-se este ano. Os alunos que, em 2010, chegaram aos exames de 12º ano, iniciaram o seu percurso escolar, há 12, 13 e 14 anos (alguns tiveram insucessos pelo caminho). Ora, há 12, 13 e 14 anos, a ETI cobria 10% a 20% das escolas da RAM. Pelo que é muitíssimo mais provável que estes alunos, em 2010, no 12º ano, tivessem frequentado uma Escola simples, de modelo “antigo” e não uma ETI.

A verdade é que no 1º ciclo já quebrámos o ciclo de maus resultados. Este ano estivemos acima da média nacional. Na Matemática a superação dos resultados nacionais é enorme (89,9% de positivas no País e quase 94% na RAM). No 2º Ciclo estamos ao nível nacional e no 3º vamos a caminho.

Dou-lhe o exemplo de S. Vicente onde TODOS os alunos do 4º ano, das suas 4 escolas, tiveram nota positiva a Português e Matemática. Não houve uma única negativa. E em duas dessas 4 escolas, as notas de Matemática reduziram-se a As e Bs. Se precisamos de mais 30 anos? Claro que não. Temos apenas que aguardar que a massa crítica que teve frequência total na Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo nas “novas” ETIs vão passando de ano e consolidando, com qualidade, o trabalho das EB23 e, mais tarde no Secundário e, sobretudo, avaliá-las com base nos seus saberes e competência globais e não apenas nos resultados de dois exames nacionais que contribuem de forma reduzida para a média global.

O estudo que importa fazer – e é um desafio que pretendemos fazer à UMa, que no conjunto dos seus centros de competências detém todo o saber e tecnologias necessárias - é de que faça uma avaliação rigorosa e por escalões etários do nível de saberes e competências e saberes da nossa população (escolar e pós-escolar) em todas as áreas do quadro de referência europeu, incluindo:

- a) Comunicação na língua materna;
- b) Comunicação em línguas estrangeiras;
- c) Competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologia;
- d) Competência digital;
- e) Aprender a aprender;
- f) Competências interpessoais, inter-culturais e sociais e competência cívica;
- g) Espírito empresarial; e
- h) Expressão cultural.

Só com uma avaliação deste tipo, periodicamente monitorizada, podemos fazer apreciações rigorosas e traçar novas estratégias.

Francisco Fernandes